

FORMAÇÃO DOCENTE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA EPISTOLAR

LARISSA ROSA LEMONS¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – larissa.rosa.lemons@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa autoetnográfica, construída a partir de experiências pessoais, e epistolar - desenvolvida por meio da escrita de cartas, vinculado ao PET GAPE (Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular) da Universidade Federal de Pelotas, que investiga a formação docente de pessoas com deficiência (PCDs) no ensino superior. A pesquisa surge a partir da experiência da pesquisadora, também pessoa com deficiência, atravessada por situações de capacitismo acadêmico e desafios na iniciação à docência, entendendo essas vivências como parte de um cenário coletivo estruturante.

A problematização central da pesquisa reside na questão: como docentes em formação, que são pessoas com deficiência, constroem seus percursos entre resistências, apagamentos e reinvenções dentro da universidade? Buscam-se compreender as barreiras institucionais, políticas e simbólicas presentes na formação docente, considerando interseccionalidades e tensões entre inclusão e exclusão.

O estudo fundamenta-se teoricamente em KAFFER (2013), que propõe uma política da deficiência orientada para o futuro; FREIRE (1996), com sua pedagogia crítica e libertadora; e HOOKS (2013), que considera a educação como prática de liberdade. Além disso, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) estabelece direitos de educação inclusiva, que, na prática, muitas vezes se mostram frágeis diante do capacitismo institucional.

O objetivo geral do trabalho é construir um corpus de cartas autoetnográficas que revelem as vivências de PCDs na formação docente da UFPel, entendendo essas cartas como dispositivos de denúncia, memória, afeto e resistência.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada na autoetnografia crítica (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011) e no método epistolar como instrumento de escuta, escrita e afetação. Inspirada também nos princípios da pesquisa baseada em si (DELORY-MOMBERGER, 2008), a investigação se desenvolve como autoteoria epistolar, articulando vivência pessoal, crítica social, teoria acadêmica e militância política.

A coleta de dados está ocorrendo no momento, por meio de um convite público para que pessoas com deficiência envolvidas na formação docente da UFPel — discentes, egressos e docentes — escrevam cartas narrando suas experiências acadêmicas, afetivas, políticas e pedagógicas. As cartas são enviadas de forma voluntária, preservando a autonomia e o protagonismo dos participantes, que podem optar por manter sua identidade, utilizar um pseudônimo ou permanecer anônimos.

A análise será conduzida de forma narrativa e crítica, em um processo sensível de escuta e tradução das experiências, buscando identificar atravessamentos relacionados a acessibilidade, evasão, políticas institucionais e interseccionalidades. Ao longo desse percurso, a trajetória da própria pesquisadora-autora, também pessoa com deficiência e licencianda, será mobilizada como parte integrante da investigação.

Esta pesquisa será submetida ao Comitê de Ética, em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Ainda que o parecer esteja em andamento, o percurso já se pauta por princípios de respeito e cuidado: as pessoas participantes aderem de forma voluntária e autônoma, podendo escolher entre se identificar, usar pseudônimo ou permanecer anônimas. As cartas são acolhidas em sua inteireza, preservando singularidades e afetos, sem a imposição de enquadramentos externos, mas como partilhas que se tornam memória, resistência e denúncia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se na fase inicial de coleta de dados, com a divulgação do convite à escrita de cartas em curso e recebendo o primeiro retorno de interessados. O prazo inicial para envio das cartas foi estipulado até setembro de 2025, sendo comunicado aos participantes que uma prorrogação poderia ser possível, garantindo maior participação e engajamento. O movimento de mobilização já tem provocado diálogos e reflexões entre participantes em potencial, incluindo o interesse de discentes de cursos de bacharelado da universidade, ampliando o alcance e os diálogos possíveis da iniciativa.

Espera-se que, a partir das cartas recebidas, reverberem narrativas que revelam barreiras pedagógicas, atitudinais e institucionais, bem como estratégias de resistência e redes de apoio no contexto da formação docente. As cartas, articuladas à escrita autoetnográfica da pesquisadora-autora, deverão constituir um corpus que funcione como dispositivo de denúncia, memória, afeto e resistência, configurando um gesto de contranarrativa conforme proposto por Solórzano e Yosso (2002), ao desafiar o discurso dominante sobre inclusão na universidade e aproximar a produção científica de práticas estéticas e políticas.

4. CONCLUSÕES

O trabalho apresenta como inovação metodológica e epistemológica o uso de cartas autoetnográficas para escuta e produção de conhecimento sobre a formação docente e pela perspectiva de pessoas com deficiência. Essa abordagem desloca a centralidade dos discursos institucionalizados sobre inclusão e propõe um modo de fazer ciência mais afetivo, acessível e situado.

Além disso, o projeto contribui para repensar práticas acadêmicas e curriculares, abrindo espaço para abordagens formativas mais inclusivas, sensíveis às interseccionalidades e comprometidas com a justiça social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELORY-MOMBERGER, C. **A pesquisa autobiográfica: fundamentos e questões teóricas.** In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si na pesquisa autobiográfica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 15-38.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. **Autoethnography: An Overview.** *Forum: Qualitative Social Research*, v. 12, n. 1, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KAFFER, Alison. **Feminist, Queer, Crip.** Bloomington: Indiana University Press, 2013.

SOLÓRZANO, Daniel; YOSSO, Tara. **Critical race methodology: Counter-storytelling as an analytical framework for education research.** *Qualitative Inquiry*, v. 8, n. 1, p. 23–44, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.146/2015** (Estatuto da Pessoa com Deficiência).